

Conhecimento geográfico e complexidade: a perspectiva feminista da ciência

Joseli Maria Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa
joseli.genero@gmail.com

Introdução

A intenção deste texto é evidenciar a ciência geográfica como um campo de poder e a emergência de campos de resistência que contribuíram teórico e metodologicamente para o desenvolvimento da Geografia, tendo como foco principal a vertente feminista.

Depois de passar pela graduação, mestrado e doutorado em Geografia, é evidente que construí, ao longo desses anos, formas específicas de pensar e de conceber a ciência geográfica, sustentadas pelos aprendizados em sala de aula e pelas leituras indicadas pelos mestres. Ao longo dessas vivências, nomes como de Immanuel Kant, Alexander von Humboldt, Carl Ritter, Friedrich Ratzel, Vidal de La Blache, Karl Marx, Yi-Fu Tuan e muitos outros, ocupavam meus pensamentos como verdadeiros deuses. Seus postulados e conceitos científicos eram orações a serem repetidas incansavelmente nas minhas produções científicas, como se fossem as fórmulas que conferiam sentido a um culto à ciência geográfica.

Ao resgatar estas experiências de forma reflexiva, penso que aprendi a “epistemologia” como uma “história da geografia” que, devo confessar, sempre me pareceu enfadonha mas, sem dúvida, um rito necessário a ser cumprido para alguém que se pretendia uma cientista da geografia. Além disso, essa disciplina servia para a difusão da crença em uma mesma história científica, universal, que conduz, certamente à criação de uma espécie de patrimônio que auxilia na identidade de grupos de cientistas, gerando compromisso com sua preservação.

Minha trajetória profissional na Geografia não me permite afirmar qualquer desconhecimento da ciência que abracei e, tampouco, poucos esforços para conhecê-la ao longo de minha formação acadêmica. Entretanto, aprendi a ser cientista mais pelo culto do que pelo debate científico.

A forma como incorporei o sentido da ciência geográfica me tornou pouco capaz de questionar, ao longo de muitos e muitos anos de estudos, a razão de vários grupos sociais estarem ausentes da discussão geográfica (mulheres, idosos, crianças, negros, índios, homossexuais, travestis). Creio que pior do que ter sido incapaz de questionar essas ausências foi ter considerado tal fenômeno natural no campo científico da Geografia e, ainda, ter corroborado com elas.

Para além dos absolutismos intelectuais, convivi com vários mestres importantes que me provocaram a pensar a ciência geográfica como uma construção social, em permanente processo de construção. Contudo, a miopia acadêmica me impedia de ousar por diferentes trilhas, mesmo que certos questionamentos me incomodassem, como as invisibilidades as quais me referi anteriormente. Afinal, a segurança de utilizar campos e conceitos já consagrados é sempre mais cômoda e, de certa forma, preservava-me de polêmicas.

Ao agir, como alguns mestres me recomendaram, para construir a ciência geográfica, posso afirmar que aprendi, a duras penas, que a ciência é um campo de poder estabelecido e que na prática, a autonomia de criação não é algo normal. Inclusive, em vários eventos científicos, escutei muitas vezes de meus pares acadêmicos que gênero e raça não eram objetos de domínio da Geografia.

Minha prática na área de planejamento urbano, elaborando planos diretores a partir de uma metodologia participativa, colocava-me frente a mulheres, idosos, negros e homossexuais que possuíam uma existência espacial, sem contudo, terem recebido atenção por parte da Geografia, como argumento em Silva (2009). A negação desses grupos não é devida a sua existência a-espacial, mas a concepções teórico-metodológicas do campo da Geografia que impediam esta visibilidade.

Sendo a epistemologia a teoria do conhecimento, que concerne particularmente a como o conhecimento é produzido, certamente a forma como o conhecimento geográfico brasileiro foi produzido e concebido é a razão da resistência acadêmica às abordagens de gênero, raça e sexualidades que pude constatar em meus trabalhos.

Nesse sentido, o texto traz dois eixos de discussão. Na primeira seção exploro algumas premissas científicas que influenciaram concepções de sociedade e de hierarquias sociais que colocam determinados sujeitos como menos importantes na produção do conhecimento científico. Na segunda seção trago contribuições das epistemologias feministas que foram incorporadas pela ciência geográfica, tornando-a mais capaz de compreender a complexidade da sociedade contemporânea.

A produção do conhecimento e as epistemologias feministas

Não revela um supremo mau gosto o fato de a mulher se preparar para ser científica? Até os dias de hoje, a tarefa do esclarecimento era, felizmente, assunto para homem, dom masculino. Ficava entre nós!¹

A exclusão das mulheres da pesquisa geográfica opera-se na arena metodológica e na forma de compreensão da ciência, afirma McDowell (1997). Além das mulheres, há muitas outras lacunas sociais que também são frutos da construção teórica e metodológica da ciência e de sua concepção, como por exemplo os negros, índios, idosos e crianças.

Na tradição filosófica ocidental, cujas bases sustentaram o surgimento da ciência moderna, os personagens fundadores da razão são homens brancos. Toda humanidade, que se distingue desse protagonismo, figurou mais como objeto do que como sujeito de conhecimento. Apenas no século XIX, algumas mulheres puderam tornar pública suas opiniões e resistências ao pensamento hegemônico que as excluía, mas a crença na enunciação masculina prevaleceu e a indiferença ao pensamento feminino foi o tom desse período. Neste período, várias mulheres aparecem em discussões com importantes filósofos do Iluminismo como Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges, Mary Astell, Madame de Staël. Há ainda as mulheres eruditas citadas e ridicularizadas por Kant como Émilie du Châtelet e Anne Le Fèvre Dacier.

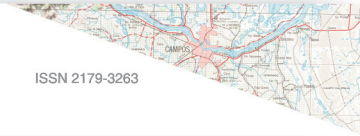
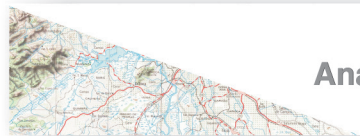
Pensadores emblemáticos do século XVIII, como Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e Immanuel Kant (1724-1804), foram fundamentais na construção do ideal feminino. Suas recomendações sobre o papel social feminino mostram a outra face dos ideais iluministas que se baseavam na igualdade, fraternidade e liberdade. Vejamos algumas considerações dos mais ilustres filósofos do período:

Na união dos sexos cada um concorre igualmente para o objetivo comum, mas não da mesma maneira. Desta diversidade nasce a primeira diferença assinalável entre as relações morais de um e de outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco; é preciso necessariamente que um queira e possa; basta que o outro resista pouco. Estabelecido este princípio, segue-se que a mulher foi feita especialmente para agradar ao homem. Se, por sua vez, o homem deve agradar a ela, isso é de necessidade menos direta; seu mérito está na sua potência, ele agrada só por ser forte. Concorro que essa não é a lei do amor, mas é da natureza, anterior ao próprio amor. (ROSSEAU, 2004, p. 516-517).

Assim, toda educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres da mulher em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado na infância (ROSSEAU, 2004, p. 527)

O estudo laborioso ou a especulação penosa, mesmo que uma mulher nisso se destaque, sufocam os traços não obstante dela façam, por sua singularidade, objeto de uma fria admiração, ao mesmo tempo enfraquecem os estímulos por meio dos quais exerce seu grande poder sobre o outro sexo. A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego como a senhora *Dacier*, ou que trave disputas profundas sobre mecânica como a marquesa

¹ NIETZSCHE, Friedrich W. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2001. p.154.



de *Châtelet* só pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram. (...) O conteúdo da grande ciência feminina é antes, o ser humano e, dentre os seres humanos o homem, e sua filosofia não consiste em raciocinar, mas em sentir (KANT, 1980, p.39 – 40)²

No século seguinte, ilustres filósofos apresentam suas teorias sobre as mulheres, como Arthur Schopenhauer (1788-1860) e as controvérsias de Friedrich W. Nietzsche (1844-1899):

A simples observação da figura feminina já mostra que a mulher não foi destinada a grandes trabalhos intelectuais ou tampouco físicos. Ela carrega a culpa da vida não por meio da ação, mas do sofrimento, por meio das dores do parto, do cuidado com as crianças, da submissão ao homem, para quem ela deve ser uma companheira paciente e alegre (SCHOPENHAUER, 2004, p. 17).

A mulher quer emancipar-se. Para atingir esse desiderato começa a esclarecer os homens sobre a "mulher em si". Sem dúvida que isso constitui um dos piores progressos no sentido do geral *afeamento* da Europa. Quantas coisas não se revelará nestas tentativas desajeitadas do cientificismo e autodesnudamento femininos! A mulher tem tantas razões para ficar envergonhada! Há tanto pedantismo na mulher, tanta superficialidade, doutrinário, presunção mesquinha, pequenez desenfreada e imodesta! Preste atenção no seu convívio com crianças! Até agora, só o medo do homem refreou e reprimiu essas fraquezas. (...) Não revela um supremo mal gosto o fato de a mulher se preparar para ser científica? Até os dias de hoje, a tarefa do esclarecimento era, felizmente, assunto para homem, dom masculino. Ficava entre nós (NIETZSCHE, 2001, p.153 - 154.)

As bases filosóficas que cunharam a representação da mulher como um ser destituído de razão, incompreensível, emocionalmente instável, imaturo, incapaz de decisões, passiva, fraca fisicamente colocaram a figura feminina sob tutela masculina e justificadamente confinada aos espaços domésticos.

Embora seja claro que as ideias expressas por estes filósofos são frutos de seu tempo e do cotidiano dos personagens envolvidos, o fato é que a filosofia, que se pretendia um conhecimento para além da realidade comum, também não se distanciou dos alicerces fundamentais da cultura, como a divisão sexual da sociedade. Nesse sentido, por mais justificadas que sejam as posições dos filósofos citados, o problema que se estabelece é que as ideias por eles difundidas fundaram as bases científicas e com elas as crenças nas verdades que se erguem para a compreensão do mundo.

Assim, as características atribuídas às mulheres pela filosofia desde a época da renascença as tornavam circunscritas aos espaços domésticos, dependentes da figura masculina e que jamais poderiam ter sido elementos importantes para a Geografia, pois esta nascia para a exploração e a conquista de novos territórios para além do mundo europeu.

Além das mulheres, outros seres como os negros e índios foram destituídos da faculdade da razão e considerados inferiores aos homens brancos, como pode ser observado nos trechos que se seguem:

Los *negros* de África por naturaleza no tienen un sentimiento que se eleve por encima de lo trivial. El señor Hume desafia a que se le cite un solo ejemplo de un negro que haya mostrado talentos y afirma que entre los cientos de millares de negros llevados fuera de sus tierras, a pesar de que muchos de ellos han sido puestos en libertad, se ha encontrado uno solo que haya desempeñado un papel importante en el arte, en la ciencia o en alguna otra valiosa cualidad, mientras que entre los blancos con frecuencia ocurre que, partiendo de los estratos más bajos, se levantan y por sus dotes superiores adquieren una reputación favorable en el mundo. Tan esencial es la diferencia entre estos dos géneros humanos; y parece ser tan grande respecto de las facultades espirituales como respecto del color. La religión fetichista tan extendida entre ellos es quizá una especie de idolatría que cae hasta lo más profundo

² Tradução livre.

de la ridiculez posible en la naturaleza humana. Una pluma de ave, un cuerno de vaca, una concha o cualquier otra cosa ordinaria, desde el instante en que es consagrada con unas cuantas palabras, se convierte en un objeto de veneración e invocación en los juramentos. Los negros son muy vanidosos, pero a su manera, y tan platicadores que hay que separarlos con azotes. (KANT, 2004, p. 103).

Todos estos salvajes son poco sensibles a lo bello en sentido moral y el perdón generoso de una injuria, que es a la vez noble y bello, es completamente más bien como miserable cobardía. La bravura es el mayor mérito del salvaje y la venganza su más dulce placer. Los demás naturales de esta parte del mundo muestran pocas huellas de un carácter inclinado hacia los sentimientos más delicados y una extraordinaria insensibilidad constituye la característica de tales géneros humanos. (KANT, 2004, p. 105).

As bases filosóficas tornaram as mulheres elementos ausentes do escopo geográfico, todavia o mesmo não aconteceu com a concepção de raças e suas hierarquias. Os negros e índios, considerados moralmente inferiores aos brancos, foram focos de interesses dos geógrafos europeus que criaram uma série de justificativas morais para os processos de colonização das áreas tropicais, como pode ser visto nos trechos redigidos pelos pais da Geografia Moderna, Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859):

(...) bajo un clima suave y uniforme, la única necesidad urgente del hombre es la alimentación. Es el sentimiento de esta necesidad el que excita para el trabajo; y se comprende fácilmente porqué, en medio de la abundancia, a la sombra de los bananos y del árbol del pan, las facultades intelectuales se desarrollen más lentamente que bajo un cielo riguroso, en la región de los cereales, en donde nuestra especie está constantemente en lucha con los elementos. (HUMBOLDT apud CAPEL, 1982, p. 26.)

El más pequeño de los continentes [a Europa] estaba, así, destinado a dominar a los más grandes (...) Si se sabe que la vocación se ha encontrado confirmada a nivel de la historia universal, se sabe menos que eso estaba de alguna forma inscrito en ella desde toda la eternidad; se atribuye el honor por ello al hombre europeo, mientras que éste no le corresponde más que en partes (...) Europa estaba, efectivamente, destinada a convertirse en el crisol de las riquezas y las tradiciones del Viejo Mundo al mismo tiempo que un lugar privilegiado para el desarrollo de la actividad intelectual y espiritual propia para absorber y organizar el conjunto de la humanidad. (RITTER apud CAPEL, 1982, p. 59-60).

O conhecimento sobre o mundo produzido pela filosofia e sua influência no desenvolvimento das ciências estão intimamente ligados à epistemologia. Se entendemos que a epistemologia é a teoria sobre o conhecimento e todo conhecimento é humanamente construído ou produzido, temos que aceitar o fato de que nós, cientistas, somos ativamente participantes dele. Além disso, somos também aqueles e aquelas que determinam aquilo que se considera como conhecimento. Uma vez aceitamos estas premissas, podemos reconhecer que, se o conhecimento é produzido por pessoas, há múltiplas e contraditórias perspectivas, interpretações e usos do conhecimento.

O conhecimento portanto, não é algo exterior à humanidade, algo que se pode conquistar ou adquirir, pois estamos sempre envolvidos em sua produção. Assim, a produção do conhecimento nunca está livre de tendências e de elementos próprios da cultura de quem o produz. Se aceitamos estes argumentos podemos reconhecer que em todo processo de pesquisa há uma epistemologia subjacente, mesmo que ela não esteja expressa de forma explícita.

Cope (2002) argumenta que as pessoas, ao exercerem a pesquisa, realizam escolhas que produzem

diferentes tipos de conhecimento que, por sua vez, influencia o caminho de outras pessoas que tomarão contato com as interpretações dos resultados publicados. Segundo esta autora, há muitos elementos que podem identificar os caminhos epistemológicos subjacentes nos resultados e nos processos de pesquisa. Pesquisadores(as) tomam decisões sobre como formar suas questões de pesquisa, como coletar os dados, como analisar os dados e como comunicar os resultados para o público. Enfim, em todos os pontos do processo de pesquisa, o ser humano é ativo, realiza escolhas em que estão subjacentes suas crenças e interesses e isso implica consequências sociais. Todo processo de pesquisa revela as epistemologias subjacentes, que por sua vez está repleta de elementos que o pesquisador traz consigo no processo de pesquisa, como sua cultura, raça, gênero, classe e outras muitas formas de diferenças.

A aceitação dessa noção de que não há criação de conhecimento que esteja livre desses elementos, leva à necessidade do comprometimento da ciência para minimizar perspectivas nocivas de omissão ou discriminação social de qualquer natureza, bem como o de reconhecimento da liberdade de outras perspectivas.

As epistemologias feministas, é preciso esclarecer, não são práticas científicas de pesquisadoras mulheres. Além de eminentes pensadores do campo das epistemologias contemporâneas, como Boaventura de Sousa Santos, Edgar Morin, Immanuel Wallerstein, reconhecerem a contribuição dessa vertente à transformação das bases da ciência contemporânea, há vários geógrafos homens comprometidos com ela. Um interessante relato de Butz e Berg (2002), sobre as experiências científicas masculinas no exercício das epistemologias feministas no campo da Geografia, pode dar conta de que há um trabalho colaborativo entre homens no avanço desta perspectiva na Geografia.

As epistemologias feministas tem se caracterizado, segundo Cope (2002), por dois aspectos. O primeiro aspecto envolve a consideração do gênero na influência daquilo que importa como conhecimento, como o conhecimento é legitimado, reproduzido e representado para os outros. Assim, a epistemologia feminista necessita ir além da ideia de “dar voz às mulheres”, mas considerar o conjunto de relações sociais de gênero que afeta diferentes respostas de homens e mulheres na pesquisa ou ainda como o gênero influencia a relação entre entrevistador e entrevistados e como isso afeta os dados e resultados de pesquisa, bem como esses resultados são ouvidos e interpretados.

O segundo aspecto diz respeito à reflexão das relações de poder, através das quais, papéis e normas de gênero são socialmente construídos e como eles influenciam nas hierarquias da produção do conhecimento. O gênero influencia as formas que as pessoas experienciam o mundo, interagem com outros e quais as oportunidades ou privilégios são abertos ou fechados para elas.

Assim, a análise genericada da produção do conhecimento vai além de simplesmente identificar papéis de homens e mulheres que produzem o conhecimento. Gênero está entrelaçado com um conjunto de relações que influenciam a produção de conhecimento, como a socialização das crianças, religião, valores culturais, processos políticos, econômicos e de orientação sexual.

Contribuição do pensamento feminista para a Geografia: posicionalidade, reflexibilidade e interseccionalidade

Em entrevista concedida à Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Janice Monk avalia as principais contribuições da vertente feminista para a Geografia como um todo. Segundo ela:

as maiores contribuições têm sido prestar mais atenção aos múltiplos aspectos da diversidade, não somente ao gênero, mas também a raça, a etnicidade, a sexualidade e a juventude. Adicionalmente, estudos feministas têm sido o ponto central em promover a atenção a métodos qualitativos, e as questões filosóficas e metodológicas, tais como aspectos da subjetividade, “reflexividade”, “posicionalidade”, as interseções das identidades, e aspectos da vida, tais como as emoções que estão entrelaçadas com as experiências e formas de espaços e lugares. Estas ideias agora permeiam as múltiplas áreas da Geografia Humana (cultural e social), não apenas no trabalho no qual, o gênero é central.³

³ Resposta de Janice Monk à entrevista realizada por Joseli Maria Silva, publicada na *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.1, n.1, 2010, p. 149-152.

As contribuições citadas por Janice Monk constituem o foco desta seção que apresenta um processo de reflexão em torno do desenvolvimento de minha pesquisa e um ensaio sobre a interseccionalidade das identidades. Knopp (2007) defende a ideia que há necessidade de considerar vários elementos no processo de pesquisa como o corpo, sensações, sentimentos, emoções e desejos como equivalentes e integrantes aos valores atribuídos à racionalidade e à mente. Larry Knopp provoca os geógrafos à ousadia na expansão do terreno empírico, incluindo realidades complexas, desordenadas e fluidas. Recomenda aos investigadores da área a “temperar” a ambição intelectual com humildade, já que aquilo que produzimos como conhecimento científico é apenas mais um dado da realidade e que este é um processo sempre incompleto. Para finalizar, o autor apela para a modificação das nossas imaginações ontológico-geográficas, e deseja que nossos objetos de estudo sejam considerados de forma mais relacional do que autônoma, mais reflexiva do que objetiva e mais humilde do que ambiciosa. Segundo ele, o resultado dessas práticas geográficas seria uma geografia menos arrogante e elitista, mais esperançosa do que temerosa e mais humana do que “des” - humana.

Aquilo que é determinado como impensável, impraticável e indizível pela ciência, deve ser tensionado e a ordem da pretensa normalidade subvertida. Quem pesquisa, deve duvidar das ‘verdades’ que sustentam e dão guarida ao poder e cometer heresias contra os cânones do discurso científico, praticando aquilo que Butler (2004) chama de “certas ofensas necessárias” a fim de transpor as formas de leitura do discurso geográfico.

A humildade intelectual à qual nos alerta Knopp (2007) envolve a noção de que o processo investigativo contém em si a posicionalidade de vários elementos que se influenciam mutuamente. O encontro entre pesquisador(a) e pesquisado(a) em uma situação específica envolve ambas as posicionalidades, já que cada qual se posiciona socialmente a partir de pontos de vista diferentes. O saber produzido de uma dada realidade reúne as motivações das pessoas envolvidas que se expressam a partir delas, gerando, portanto, uma versão sempre parcial. Os efeitos produzidos deste encontro de motivações expressas, por sua vez, realimentam a própria realidade estudada num fluxo contínuo.

Em *Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics*, a geógrafa Gillian Rose argumenta que a realidade socioespacial também se constrói a partir das relações de poder que se fundam nos enunciados científicos e na posição de quem os pronuncia. Portanto, a autora incorpora a necessidade da postura reflexiva da pessoa que pesquisa em relação aos seus resultados, já que as relações de poder inerentes ao processo investigativo implicam a produção de hierarquias. As versões da realidade produzidas por nós, pesquisadores(as), possuem maior poder de fazer valer suas ideias frente aos demais saberes sociais. As ideias que se imaginam, segundo ela, produzem a realidade social, assim como a realidade pode ser imaginada e é nesse sentido que se constrói uma importante discussão sobre a implicação política e social dos resultados de pesquisa e o compromisso ético na construção de uma realidade que é pluriversal.

Os confrontos dos múltiplos saberes sob a perspectiva da universalidade dos modelos de conhecimento resultou na ciência moderna que produz as ausências e silêncios e reforça as dominações. A postura pluriversal implica a prática geográfica subversiva que joga com e contra os conceitos da ciência hegemônica e contempla os saberes dos sujeitos silenciados no discurso moderno tradicional. Baseada na noção de poder de Michel Foucault, a geógrafa alega que o poder no campo científico, assim como todo o poder, é relativo e que ocorrem fissuras através das quais se pode transgredir o padrão instituído através de táticas desconstrucionistas à ordem estabelecida.

Qualquer construção de conhecimento implica uma postura reflexiva em torno da interdependência entre conceitos já estabelecidos pelo campo científico e a realidade que se investiga. As escolhas teóricas implicam simultaneamente operações metodológicas que lançam mão de instrumentos específicos. É importante dizer, portanto, que o estudo de grupos sociais invisibilizados é bastante árduo, na medida em que eles não possuem, em geral, registros documentais facilmente detectáveis, acessíveis e intercambiáveis. Os acervos e arquivos não registram e resguardam as histórias de vida dessas pessoas e nem mesmo os bancos de dados estatísticos estão organizados de forma a facilitar a realização de investigações que intencionam produzir suas expressões.

As investigações voltadas às políticas identitárias dos últimos anos reivindicam uma postura reflexiva do pesquisador sobre os atos investigativos e sua posicionalidade em relação ao fenômeno que se estuda, tal qual argumentado por Knopp (2007) e Rose (1997). As tentativas de escapar às práticas geográficas criticadas por esta corrente, como a autoridade do(a) pesquisador(a), seu comportamento no trabalho de campo e os

modos de interpretação das realidades socioespaciais, produziu a concepção de que a investigação não é um produto, mas um processo. Como processo, as experiências e as interações pessoais entre pesquisadas(os) e pesquisadores(as) passam a compor os dados da própria investigação.

Assim, vou utilizar de minha experiência pessoal desenvolvida no campo de pesquisa durante meu estágio pós-doutoral. Longe de adotar uma postura egocêntrica e autocentrada de análise, justifico esta abordagem pela minha incapacidade, neste momento, de realizar uma abordagem mais ampla, contemplando experiências de pesquisa de outros colegas. Minha investigação está voltada de forma geral para a análise das relações entre a imigração ilegal e as representações sociais das prostitutas brasileiras na Espanha⁴. Procuro compreender os elementos definidores de suas rotas transcontinentais para o exercício da atividade comercial sexual, assim como as relações entre corpo, identidade, território brasileiro e práticas sexuais em território estrangeiro e ainda, os significados construídos por essas pessoas sobre a experiência socioespacial da imigração ilegal implicando o exercício da prostituição. Não pretendo aqui discutir meus resultados de pesquisa, mas elaborar uma reflexão sobre as práticas de pesquisa que envolvem as considerações realizadas por Rose (1997) e Knopp (2007).

Início por questionar minha própria posição no campo de trabalho junto aos grupos que estudo e de como minha presença física também passa a compor o espaço que exploro. Além disso, levanto os desafios dos efeitos de minha posicionalidade no campo de pesquisa sobre minha própria identidade e das pessoas com quem passo a interagir e sobre a construção do modelo de análise resultante desse encontro. Tomo a liberdade de transcrever aqui trechos de meu diário de campo que possibilitam melhor explicitação de minhas ideias.

“Hoje, dia 28/04/2008, busquei o chamado “triângulo de Ballesta” na área central de Madri, local conhecido por ser uma área de prostituição. Trata-se de uma área em que o capital imobiliário vem exercendo forte pressão para seu ‘saneamento’ a fim de torná-la mais rentável. Minha expectativa inicial era de que a área fosse deteriorada e que as prostitutas se apresentassem com vestimentas provocantes ou ainda desnudas, tal qual os cenários que vivencio no campo de pesquisa de minha cidade. Pelo contrário, a “Calle de La Montera” na qual me encontrava é uma rua comum de comércio e serviços e os transeuntes são famílias, turistas, homens de negócio vestidos com ternos e gravatas e mulheres vestidas também de forma comum. Alguns grupos de mulheres se reúnem e é sua postura física e olhares que as identificam como prostitutas. Abordei algumas delas perguntando por brasileiras. Percebi que se reuniam por nacionalidades. Havia as do ‘leste europeu’, as africanas e as latinas. Mas as brasileiras eram muito raras entre as latino-americanas. Cada vez que me aproximava de um grupo, um homem se aproximava também e me indagava com agressividade sobre as razões de minhas perguntas. Me distanciei um pouco para evitar conflitos e me mantive em frente a uma vitrine e observava a dinâmica de agrupamentos de prostitutas por nacionalidades/racialidades e as táticas de que elas se utilizavam para atrair os clientes. Para minha surpresa, um homem de perto de quarenta anos se aproximou de mim e falou comigo. Compreendi que perguntava sobre o preço do programa e fiquei nervosa. Tentei explicar que não era prostituta e ele percebeu que eu era brasileira e ofereceu mais dinheiro. Eu fiquei muito confusa e quanto mais confusa, mais a oferta aumentava e os elogios pela minha ‘brasileiridade’ também. Fui embora perdendo a paciência com ele. Talvez perdi a paciência porque havia sido significada como prostituta e meu lugar nobre de pesquisadora que observa o fenômeno ‘de fora’ foi desestabilizado e eu era mais uma delas. Mais um corpo nas ruas de Madrid, uma brasileira, uma prostituta.”

⁴ Mesmo que a intenção não seja discutir nesse trabalho os resultados da pesquisa, é importante evidenciar o contexto em que surge a ideia da exploração deste tema. As brasileiras presentes no mercado da prostituição da Espanha tornam-se expressivas nos noticiários do país e nos relatórios de investigação da polícia espanhola, num contexto em que os organismos internacionais discutem o “Tráfico de seres humanos com finalidade de exploração sexual”. Para se ter uma ideia, o número de prostitutas brasileiras detidas na Espanha aumentou 80%, passando de 3.332 em 2003 para 6.015 em 2005, segundo dados do Ministério do Interior espanhol. Em 2005, o informe criminológico construído pela Guardia Civil da Espanha indica que há cerca de mil bordéis no país. A polícia espanhola deteve 20.284 mulheres em seu território, caracterizadas como vítimas de tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual. Desse total, 98,77% eram estrangeiras, e as brasileiras representavam 30% destas, sendo que em 2003, elas representavam apenas 17%. Segundo a “*Asociación Nacional de Empresarios de Locales de Alterne*” (ANELA), o negócio da prostituição move 50 milhões de euros por dia na Espanha ou 18 bilhões ao ano.

“Hoje é 17/04/2008. Ontem entrevistei Andrômeda⁵, travesti brasileira que estava com as costelas machucadas por uma agressão policial e resolvi voltar em seu ponto para ver como estava e dizer que havia conseguido uma consulta para ela. Ela estava embaixo de uma marquise. À noite, elas se vestem com mais ousadia. Andrômeda estava de sapatos altos e um vestido muito curto. Me aproximei dela e perguntei se estava melhor e ela estava furiosa. Um homem ‘marroquino’ havia lhe ofendido e jogado lixo sobre ela. Ela, indignada desabafava que não roubava, que estava ali só trabalhando e esse ‘hijo de puta’ a agredia. Nesse tempo, o tal marroquino voltou e os insultos continuaram. Ela respondia, com seu ‘portunhol’ os insultos de forma cada vez mais agressiva quando o homem se aproximou com uma postura de quem iria atingi-la. Ela arrancou os sapatos altos, tirou uma corrente da bolsa e começou a girar chamando-o para a briga. Eu, assustada, peguei meu celular e disse que estava chamando a polícia. Ela gritou comigo, dizendo que se eu fizesse isso era ela quem iria presa. Meu coração parecia que iria sair pela boca, recuei e torci que ela desse conta do tal ‘marroquino’ que ficou com medo de Andrômeda e foi embora. Ele também havia me significado como uma prostituta, colega de Andrômeda. Eu estava perplexa. Não compreendia se a atitude que tomei era de solidariedade a seu pedido ou de medo de levar uma correntada também. Mas Andrômeda ria de sua valentia, dizia que travesti na rua tinha que ser ‘muito macho’ e significou meu ato de não chamar a polícia como uma lealdade, já que eu, como uma pesquisadora devidamente documentada, seria protegida pela polícia e eu preferi correr risco ao lado dela. Passou a me chamar de amiga. Eu agora penso que por muito pouco, minha interferência poderia provocar a prisão dela e eu estaria prejudicando o grupo que estudava.”

“Hoje é 10/06/2008 e entrevistei Pandora. Depois da entrevista, pedi que ela me indicasse outras colegas para que eu pudesse entrevistar, como sempre faço. Um contato leva a outro. Ela riu de mim e disse que minha entrevista era muito chata e cansativa. No entanto, disse que ‘tinha ido com minha cara’ e se poderia me dar uns conselhos sobre meu roteiro de entrevistas e o perfil de algumas questões que eu formulava. Eu concordei. Fez suas críticas e ajudou a reestruturar meu roteiro. Na próxima entrevista vou sentir se a reestruturação melhorou a relação com as pessoas que pesquiso. O mais incrível é que ela, ao mesmo tempo que me concedia a entrevista me analisava e fazia julgamentos também sobre meus procedimentos. Depois de tantos anos de atuação em pesquisas foi a primeira vez que senti que o encontro da entrevista é um momento realmente único e que o saber que ali se constrói não é, de forma alguma, mérito meu, mas da relação que se estabelece com o outro.”

Esses breves relatos registrados em meu diário de campo ilustram as questões envolvidas nos métodos que têm sido utilizados entre geógrafas(os) feministas e *queers*. Os dois primeiros registros do diário de campo me levam a refletir sobre como meu próprio corpo é percebido nos locais de pesquisa. Minha corporeidade, para usar o termo de Linda McDowell (1999), também é representada e interpretada pelos grupos que compõem o campo pesquisado. Meu corpo, assim como compreendo os corpos que estudo, não é um local onde a cultura se inscreve, mas é ativo na produção das percepções e, tal qual aponta Knoop (2007), constitui-se em ferramenta de pesquisa. Segundo o autor, a atenção à corporalidade de quem investiga e não apenas das pessoas investigadas, pode ser incorporada na realidade estudada. Durante o trabalho de campo, ao estar atenta às representações que minha corporalidade despertava e quais os parâmetros em que eu me tornava inteligível nos locais de pesquisa, pude perceber que meu ser tem também um gênero, uma cor, uma moralidade, uma classe e uma nacionalidade.

Contemplar a posicionalidade e a reflexibilidade no processo investigativo exige um pensar da(o) cientista que envolve os outros, mas também de si mesma(o). Os relatos que apresentei anteriormente evidenciam que minha corporalidade não era invisível no campo de pesquisa e contemplá-la pode ser bastante produtivo. Knopp (2007) ao provocar a geografia com seu argumento de contemplar a experiência corporal

⁵ Todos os nomes utilizados aqui são fictícios, embora as colaboradoras da pesquisa fizessem questão de registrar o nome com que se identificavam. Optei pelo anonimato a fim de protegê-las. Algumas, se queixam de minha posição, inclusive, pedem que sejam fotografadas e que explicito sua participação na pesquisa. Contudo, como não sei do alcance da publicização dos dados de pesquisa, achei melhor mantê-las anônimas, apesar dos protestos.

de quem pesquisa, suas emoções, desejos e percepções alude ao fato de que o(a) sujeito(a) que pesquisa, mesmo contra sua própria vontade, é percebido pelas pessoas pesquisadas e que as relações desencadeadas no ato investigativo permeia a interpretação dos espaços que podemos construir como geógrafas(os).

As interações construídas entre as pessoas envolvidas no ato investigativo do tipo reflexivo geram expectativas que devem ser consideradas válidas e explicitadas, retirando o(a) sujeito(a) que investiga da proteção da invisibilidade que permeia até mesmo o estilo de escrita impessoal, muitas vezes exigida no ambiente acadêmico. No entanto, a pesquisa qualitativa se defronta com impasses éticos de difíceis soluções, notadamente quando envolvem temas ligados às ilegalidades ou condutas infracionais. No segundo trecho apresentado, evidenciei uma situação de violência que passou a ser corriqueira em meu campo de pesquisa. Convivi com sentimentos, atitudes e posturas que afrontavam a organização de meus valores de vida e até nesse momento, não encontrei uma maneira simples de refletir e me posicionar quanto a isso.

Minha autoridade científica abalada pelo enfrentamento que Pandora deflagrou frente a meu roteiro de investigação evidenciou o tensionamento de nossas posicionalidades. Ela resistiu às hierarquias que colocam as(os) pesquisadoras(es) em patamares de saber mais elevados em relação aos saberes produzidos pelo senso comum com maestria. Pude exercitar com Pandora a “humildade intelectual” aconselhada pelo geógrafo Larry Knopp e compreender que é do encontro de motivações pessoais que se produz o conhecimento de uma dada realidade que é sempre parcial, situacional e em permanente processo.

Os desafios teóricos e metodológicos enfrentados pelas ciências sociais para construir inteligibilidades da sociedade contemporânea coloca o conceito de interseccionalidade como um caminho a ser desenvolvido. A superação da noção essencializada de mulher, a aceitação de que não há uma única identidade capaz de abrigar todos os corpos passíveis de serem classificados como femininos, a pluralidade presente nas performances de gênero, compreendido agora como representação, e a emergência das críticas dos movimentos sociais envolvendo raças e sexualidades constituem uma busca intelectual de contemplar as complexidades sociais. Qualquer pessoa vivencia simultaneamente múltiplas categorias sociais como o gênero, raça, religião, classe, idade, opção sexual etc. Essa concepção envolve considerar as identidades como fluidas, instáveis, complexas e em estado permanente de construção/desconstrução. As pessoas vivenciam os processos identitários ao longo da vida concreta e esta experiência contempla tempo e espaço. O termo interseccionalidade passa a ser utilizado como uma atitude metodológica de articular as diferentes categorias sociais vivenciadas pelos seres humanos e evidenciar que estas articulações resultam em diferentes experiências.

Em 2007, o periódico *The professional geographer* publicou uma coletânea dedicada a refletir sobre os desafios contemporâneos das geografias feministas e futuras agendas de pesquisa. O artigo de Gill Valentine *‘Theorizing and researching intersectionality: a challenge for feminist geography’* discute o conceito de interseccionalidade como central, alertando para a pequena atenção dispensada a ele por parte da comunidade científica geográfica. Neste artigo, a geógrafa faz um esforço de evidenciar empiricamente as relações entre a interseccionalidade e a dimensão espacial e temporal, utilizando-se da análise da história de vida de uma pessoa que experiencia num processo contínuo de construção / desconstrução de sua condição de mulher, lésbica, surda, esposa, mãe e trabalhadora. Nessa análise, a autora consegue evidenciar a composição múltipla do ser humano e de como o exercício das diferentes identidades que o compõe são redefinidas, tornando-se mais ou menos relevantes em sua existência espacial e temporal.

Com base no trabalho de Valentine (2007), realizo minhas próprias aventuras metodológicas oriundas da mesma investigação que tomei por base para elaborar o pensamento exposto na seção anterior. São algumas análises ainda parciais da investigação sobre a experiência das brasileiras⁶ imigrantes ilegais no exercício da prostituição na Espanha.

O universo de prostitutas brasileiras, foco desse raciocínio, exerciam a prostituição em locais privados como clubes e apartamentos. Elas prestam serviços a uma clientela de alta renda. Durante uma entrevista, Cassiopéia, que tentava exercer outras atividades fora da prostituição, me disse:

“uma brasileira na Espanha não tem valor fora do clube. No clube, os meus clientes pagam cada minuto pra estar comigo. Fora, alguns ex-clientes me ligam e querem ‘foder’ de graça. Nem mesmo me dão uma carteira de cigarros. E tem mais, é coisa comum o patrão de um restaurante ou bar querer foder de graça também, pra não te mandar embora. No final,

⁶ Embora minha investigação se refira às brasileiras compreendidas por mulheres biológicas e travestis (compreendidas na Espanha como “mujeres transexuales”), nesse momento, irei restringir minha análise ao universo de mulheres. Isso porque as travestis experienciam outras interseções que não podem ser exploradas neste reduzido espaço disponível para a exposição.

dão calote no salário e ainda ameaçam você que vão te entregar para imigração se fizer barraco”.

Cassiopéia, como todas as outras que entrevistei nesse universo, eram oriundas de um contexto econômico de média renda, e média escolaridade no Brasil. Na Espanha, fora do exercício da prostituição, Cassiopéia exercia trabalhos de camareira e garçoneiro. Depois da entrevista, expus a ela meu projeto de investigação e ela se propôs a me ajudar. Acabou se tornando um dos pilares da pesquisa e minha informante privilegiada⁷. Como conhecia prostitutas, locais e muitos clientes, possibilitou-me entrar em ambientes que jamais poderia acessar sozinha, com ‘status’ de pesquisadora. Em muitos clubes, mulheres desacompanhadas são proibidas de entrar. Assim, ela contatava os clientes que considerava seus amigos, contava sobre minha pesquisa e eles me auxiliavam a superar a barreira de entrar nos clubes. Em geral, encaravam o ato de me auxiliar como algo diferente a ser vivido e também se divertiam com o fato de realizar uma ação, até certo ponto, transgressora.

Só depois que vivenciei o ambiente dos clubes de prostituição é que pude compreender as mensagens expressas na entrevista realizada com Cassiopéia e construir um discurso de como as brasileiras a exemplo dela vivenciavam um território estrangeiro como mulher, brasileira, prostituta, ilegal e pobre. Especialmente, pude evidenciar como o espaço da prostituição compunha o exercício destas categorias sociais de forma muito diversa de outros espaços, como aquele relatado na entrevista de Cassiopéia.

Acompanhada de Cassiopéia e um de seus amigos realizei uma saída de campo ao clube “X” a fim de contatar as prostitutas brasileiras para realização de minhas entrevistas em profundidade. Infelizmente, não obtive sucesso nesse dia, pois as brasileiras que abordei não se dispuseram a me conceder uma entrevista, a não ser em troca de pagamento pelo tempo que supostamente me dispensariam⁸. Contudo, esta vivência foi igualmente rica para minha investigação e é a partir dela que reflito as intersecções de gênero, sexualidade, classe e nacionalidade compostas simultaneamente pelo espaço de prostituição, realizando uma relação com os depoimentos de Cassiopéia que refletiam sua experiência fora dos clubes em que atuava como prostituta.

No clube “X”, assim como em vários outros, há o salão em que ocorre o encontro entre as prostitutas e os clientes e a realização do programa sexual contratado se dá nos quartos privados. O salão é um ambiente de sociabilidades em que se bebe, desenvolvem-se as conversas e as danças. Há também pessoas que não frequentam o clube apenas para obter serviços sexuais, mas para vivenciar a atmosfera de sensualidade que ali se desenrola ou ainda, para usar drogas nos ambientes privados. As prostitutas também desenvolvem conversas entre elas sobre temas comuns como filhos, maridos, novelas e filmes que assistiram. Mas, sobretudo, o salão do clube é o ambiente da conquista do cliente, preferencialmente bem abonado financeiramente e da eleição da pessoa que lhe possibilita viver desejos e fantasias sexuais.

O estar no salão no processo de conquista envolve a corporeidade e em geral, elas dedicam tempo e dinheiro para fazer seu corpo expressar as imagens desejadas e para isso se utilizam de vestuários sensuais, provocadores e transparentes a fim de dar visibilidade aos seus atributos corporais para impressionar os clientes ou ainda as companheiras de trabalho. Observando como o vestuário e os adereços compõem a corporalidade das prostitutas no salão do clube me deparei com uma prostituta que vestia um “top” verde e amarelo que apresentava a expressão “*Made in Brazil*” sobre os seios, aludindo ao fato de que se tratava do corpo de uma brasileira. Aproximei-me dela e questionei sobre a roupa que usava. Ela respondeu: “essa roupa atrai os cliente, quando coloco, ganho dinheiro feito água, é um atrás do outro...”. No universo competitivo da prostituição, as brasileiras acionam os códigos simbólicos que sua nacionalidade desperta no imaginário social masculino europeu, associado à devassidão, à sensualidade e à tropicalidade. Segundo o depoimento de uma delas, ser uma “brasileira” no salão do clube a colocava em vantagem frente às outras prostitutas de outras nacionalidades, evidenciando que o atributo da nacionalidade brasileira e as representações sociais a ela atribuídas são ali valorizadas. Ao contrário, esta mesma mulher, vivenciando a experiência espacial fora do ambiente da prostituição está em posição de inferioridade, tal qual Cassiopéia argumenta.

⁷ Quero fazer pública minha gratidão pela sua generosidade em compartilhar seu conhecimento comigo e a admiração que me despertou, pela sua capacidade de luta, coragem e crítica social. Embora esteja aqui identificada com nome fictício, Cassiopéia sabe a quem estou me referindo em realidade.

⁸ A postura adotada em não pagar pelas entrevistas, além de não possuir recursos financeiros suficientes para isso, estava fundamentada na idéia de que os depoimentos deveriam ser realizados a partir da disposição das pessoas em colaborar com a investigação e de acreditar que o ato voluntário refletia na qualidade das expressões de suas experiências e no tipo de relação que se estabelecia entre pesquisadora e pesquisada no ato da entrevista.

No salão do clube “X” se confrontam também as identidades de gênero de forma bipolarizada. Supostamente, o cliente homem vem em busca de uma relação heterossexual, mas isso não quer dizer que no ambiente privado do quarto, as práticas sexuais não se desenvolvam envolvendo corpos de outros homens ou de travestis que realizam programas. Contudo, a presença deles não é permitida no salão do clube “X”, mas são demandados nos ambientes privados, quando solicitados pelos clientes para a realização de programas sexuais.

A disposição dos corpos e as táticas de acesso eram por mim observadas quando o amigo de Cassiopéia que nos acompanhava me chamou a atenção e disse: “*mira, en esto lugar las mujeres son las cazadoras y los hombres, la caza*”. Começamos a trocar ideias e ele, do alto de sua experiência de mais de trinta anos como frequentador assíduo de clubes de prostituição daquele mesmo perfil me dizia que, como eu, também gostava de observar as dinâmicas de relações que ocorrem nos salões. Chamava-me a atenção para a postura tímida de vários homens ao serem abordados pelas prostitutas. Alguns chegavam a desviar o olhar, abaixando a cabeça na primeira abordagem e só depois de algum tempo o contato visual e corporal se estabelecia. Segundo ele, nesse tipo de encontro, a prostituta coloca em xeque dois valores fundamentais da masculinidade construída socialmente, a capacidade financeira do homem em pagar pelo programa desejado e a qualidade de seu desempenho sexual. Isso porque, em geral, os programas neste tipo de ambiente são realizados em troca de altos valores e a prostituta contém em si uma aura de saber-poder dos prazeres do corpo que pode se converter em uma espécie de prova da potência sexual masculina. Assim, a configuração das relações de gênero tradicionais entre mulher submissa e homem dominador, retratadas no depoimento de Cassiopéia quando relata a cessão de favores sexuais ao patrão em troca do emprego, são ali desestabilizadas.

Sua condição de estar no país de forma ilegal não influencia as relações comerciais envolvidas no trabalho sexual desempenhado no clube “X”. As prostitutas, mesmo as ilegais, estão protegidas por uma estrutura que dificilmente é desafiada pelos clientes no salão que é vigiado por seguranças e câmaras. Depois de contratado o perfil dos serviços a serem prestados pela prostituta e o valor a ele correspondente, o cliente deve pagar antecipadamente pelo programa. Novamente, aquele espaço confere à prostituta o domínio da situação em que o credor é o cliente, diferentemente da condição em que o salário a uma brasileira ilegal, relatado por Cassiopéia, pode ser negado sem maiores complicações em outros espaços da cidade. A mesma mulher brasileira, ilegal e prostituta, agora com vantagens econômicas, pode circular em outros ambientes urbanos, como lojas, por exemplo, e não acionar as identidades que são francamente mobilizadas no ambiente do clube. Elas afirmam que o preconceito sofrido por elas como brasileiras é inversamente proporcional ao dinheiro que carregam no bolso, assim como as facilidades compradas frente a qualquer problema que possa decorrer da condição de sua permanência ilegal no país.

Os processos de intersecção das identidades de gênero, nacionalidade e classe evidenciados na experiência das mulheres brasileiras prostitutas no salão do clube “X” não podem ser simplesmente transpostos à análise de outras realidades. O fenômeno da prostituição é extremamente complexo e cada espacialidade vivenciada é também composta pelo poder que re-posiciona os(as) sujeitos(as) em suas relações socioespaciais. Nesse sentido, o espaço é uma categoria fundamental no enriquecimento do conceito de interseccionalidade, ainda negligenciado pelas demais ciências sociais, assim como esse conceito pode enriquecer as análises geográficas, contemplando a diversidade, a fluidez e a complexidade das identidades sociais, tal qual argumentado por Valentine (2007).

Enfim, este texto explorou as relações de poder inerentes à produção do conhecimento científico, bem como apresentou as contribuições das epistemologias feministas no desenvolvimento da ciência geográfica.

Referências

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

BUTZ, David and BERG, Lawrence D. Paradoxical space: Geography, men and duppy feminism. In: MOSS, Pamela. *Feminist Geography in Practice: research and methods*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002. p. 85- 102.

- CAPEL, H. *Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1982
- COPE, Meghan. Feminist Epistemology in Geography. In: MOSS, Pamela. *Feminist Geography in Practice: research and methods*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002. p. 43-56.
- KANT, Emmanuel. *Observations sur le sentiment du beau et du sublime*. Paris: Librerie Philosophique J. Vrin, 1980.
- KANT, Immanuel. *Observaciones sobre el sentimiento de lo bello y lo sublime*. México: FCE: UAM: UNAM, 2004.
- KNOPP, Larry. On the Relationship Between Queer and Feminist Geographies. *The Professional Geographer*, v. 59, n.1, p. 47–55, 2007.
- MCDOWELL, Linda. Doing gender: feminism, feminists and research methods in Human Geography. In: MCDOWELL, Linda; SHARP, Joanne P. *Space, Gender, Knowledge*. Feminists Readings. London: Arnold, 1997. p. 105-114.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexivity and other tactics. *Progress in Human Geography*, v. 21, p. 305-320, 1997.
- ROSSEAU, Jean Jacques. *Emílio. Ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista a geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria. *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 55-92.
- SILVA, Joseli Maria. Não Excluem Metade da Humanidade da Geografia Humana: entrevista com Janice Monk. *Revista Latino-americana de geografia e Gênero*. v. 1, n. 1, p. 148-152, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>>. Acesso em: 09 ago. 2010.
- SHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VALENTINE, Gill. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. *The Professional Geographer*, v. 59, n. 1, p. 10 – 21, 2007.